



| Luiz Alberto de Vianna
Moniz Bandeira |

73 anos, cientista político e historiador luso-brasileiro, vive presentemente na Alemanha. Esteve filiado no Partido Socialista Brasileiro e exilou-se no Uruguai, acompanhando o presidente João Goulart, após o golpe militar no Brasil, em 1964. Voltou clandestinamente ao Brasil e entre 1969 - 1970 e 1973, esteve como preso político. Contudo, não parou a produção das actividades literárias e de pesquisa. É autor de mais de 20 obras e, em 2006, foi eleito Intelectual do ano de 2005 pela União Brasileira de Escritores (UBE).

Revelada a fórmula

O historiador luso-brasileiro Luiz Alberto Moniz Bandeira estudou os três anos de luta dos serviços secretos norte-americanos, CIA, contra o governo do chileno Salvador Allende. E revela como Portugal também podia ter ido pelo mesmo caminho após o 25 de Abril.

Até 2001 só havia um 11 de Setembro. O do Chile e mais nenhum. O ataque aos EUA no décimo primeiro dia do nono mês no início de um novo milénio, trouxe-nos um outro 11 de Setembro que depressa substituiria o de 1973, aquele que marcara abruptamente o fim do governo socialista do presidente chileno Salvador Allende.

Naquele dia, aviões cruzaram os céus e lançaram a semente da morte sobre edifícios simbólicos. Naquele dia, as liberdades adquiridas e tidas como garantidas foram abaladas para sempre. As comparações entre o 11 de Setembro no Chile e o “outro”, nos EUA, só vão ficar completamente esclarecidas quando, um dia, se descobrir o que a CIA - o serviço secreto norte-americano - sabia sobre o ataque de 2001. Até lá, sabe-se há muito, a CIA ajudou a cavar a sepultura que haveria de enterrar a experiência democrática socialista no Chile.

Enquanto toda a verdade não surgir aos olhos do grande público, atentemo-nos nos méritos da obra “Fórmula Para o Caos - A CIA e o outro 11 de Setembro: a queda de Salvador Allende (1970-1973)”, agora publicada em Portugal pela editora Tribuna da História, assinada pelo cientista político e historiador luso-brasileiro Luiz Alberto Moniz Bandeira.

Monárquico, descendente de portugueses, Moniz Bandeira nasceu em Salvador, em 1935. Formou-se em Direito ao mesmo tempo que trabalhava como jornalista no Rio de Janeiro. O seu primeiro ensaio político, em 1961, foi sobre a renúncia do presidente brasileiro Jânio Quadros. E o primeiro sucesso de vendas foi publicado em 1977: “O Governo João

Goulart - As Lutas Sociais no Brasil (1961-1964)”, que ainda hoje é apresentado como um imprescindível livro de estudo académico.

O PESO DO EXEMPLO

Moniz Bandeira esteve preso durante um ano por ter sido um dos resistentes do golpe de Estado no Brasil que, a 31 de Março de 1961, derrubara o presidente João Goulart e contara igualmente com o apoio da CIA. E isso teve lugar nove anos antes do golpe no Chile, dez anos antes da Revolução de Abril em Portugal.

«Conheci Salvador Allende, em 1964, no apartamento do presidente João Goulart, na Praça Villa Berritz (Pocitos), em Montevidéu (Uruguai), quando foi visitá-lo e prestar-lhe solidariedade, após o golpe de Estado ocorrido no Brasil, naquele ano», conta Bandeira Moniz. Recorda o politólogo brasileiro que o então candidato à presidência do Chile da Frente de Acción Popular (FRAP) - uma coligação entre o Partido Socialista chileno e Partido Comunista do Chile, mais outras forças menores -, «mostrava-se muito confiante na vitória. Dizia que no Chile as Forças Armadas eram legalistas, não intervinham na política, e que havia toda uma tradição de estabilidade». O destino, sabe-se hoje, viria a ser muito diferente.

Nesta sua obra, de mais de 500 páginas, são abordados os três anos decorridos entre 1970 e 1973, altura em que o Chile passou de uma democracia para uma ditadura militar, liderado por Pinochet e apoiada pela secreta norte-americana com o beneplácito do secretário de Estado Henry Kissinger. Este último bem que avisara para os perigos internacionais da vitória eleitoral da coligação de Esquerda encabeçada por Salvador Allende: “O exemplo de um

TEXTO

**Frederico Duarte
Carvalho**

FOTOS

João/ Pinedrifts

governo marxista eleito e bem-sucedido no Chile com certeza teria impacto - e até valor de jurisprudência - em outras partes do mundo, principalmente na Itália". E tal receio viria a confirmar-se, anos mais tarde, quando o ex-primeiro-ministro italiano da Direita Cristã, Aldo Moro, que se preparava para se unir aos comunistas, só não foi bem sucedido porque apareceu assassinado em Roma, em Maio de 1978, depois de um cativeiro de 55 dias. Um caso que, ainda hoje, levanta muitas dúvidas sobre a origem da "encomenda" para a sua morte.

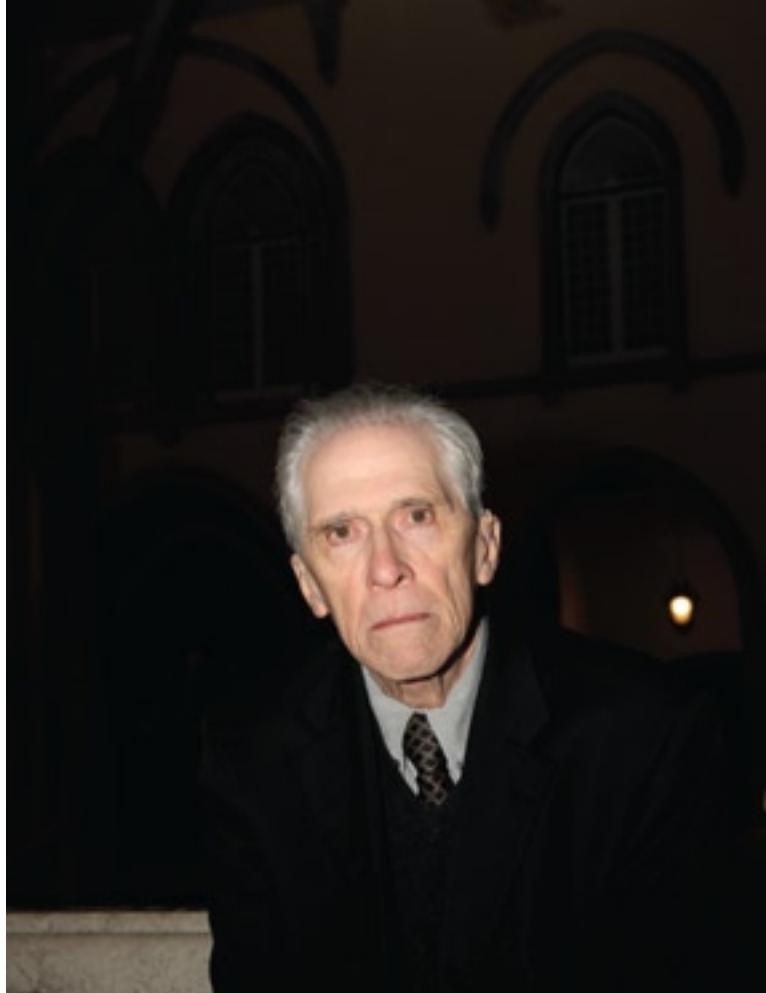
PORTUGAL: REPETIR A FÓRMULA

O mesmo Henry Kissinger ficaria ainda conhecido como a pessoa que, a propósito do Chile de Allende, proferiu uma frase assassina para quem sempre acreditou no valor da democracia: "Não vejo por que devemos afastar-nos e ver um país tornar-se comunista devido à irresponsabilidade do seu próprio povo".

A "Fórmula do Caos", que dá o título a uma obra considerada de cinco estrelas e que gozou de grande destaque em muitas montras de livrarias do nosso país, advém de um termo usado num telegrama "Top Secret" assinado pelo chefe da estação da CIA em Santiago do Chile, Henry Heckscher, datado da véspera de golpe de Estado - cujo original é reproduzido no anexo final da obra de Moniz Bandeira - onde se pode ler claramente: "Vocês pediram-nos para provocar o caos no Chile (...) Nós fornecemos uma fórmula para o caos, o qual é improvável que ocorra sem derramamento de sangue. Dissimular o envolvimento dos Estados Unidos será claramente impossível". Deste modo, sete meses antes da Revolução dos Cravos em Portugal, a CIA ajudava à queda do governo socialista de Salvador Allende no Chile.

E quando em 1975 Portugal quase virou à Esquerda, Henry Kissinger quis voltar a fazer o mesmo no nosso país, conforme lembrou o historiador brasileiro: «quando se começou a assistir à possibilidade do governo de Portugal poder vir a ser assumido por comunistas, o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, quis preparar um 'Pinochetazo', ou seja, um golpe militar semelhante àquele ocorrido um ano e meio antes no Chile».

Apesar de já terem decorrido mais de 30 anos, o historiador sorri de forma cúmplice e diz que não se pode alongar na explicação do mesmo, pois não se quer «intrometer na política interna de Portugal», como se ainda hoje houvesse grande perigo para a nossa liberdade



Memória | O livro do historiador luso-brasileiro desenterra alguns episódios, ainda hoje, menos claros.

e estabilidade democrática se alguns nomes dessa altura viessem a público.

Conforme relatou, foi durante o tempo em que viveu nos EUA, na altura em que o presidente era Jimmy Carter (1976-1981), que Moniz Bandeira teve conhecimento de factos que poucos portugueses hoje sabem. A história diz que quando se soube que Henry Kissinger queria utilizar a tática no Chile em Portugal, o embaixador norte-americano em Lisboa, Frank Carlucci, apanhou um avião directo para Washington, procurou pessoalmente o Presidente Gerald Ford e avisou-o que o golpe teria uma repercussão tão negativa que os EUA perderiam a Europa durante muitos anos. Como alternativa, informa o politólogo brasileiro, «Carlucci propôs o financiamento do Partido Socialista português».

DINHEIRO PROVIDENCIAL

Os factos históricos, e públicos, daquela época confirmam esta versão. Dias antes de tal golpe, que viria afinal a ser a intentona do 11 de Março de 1975 - quando falhou uma operação militar de Direita semelhante à do Chile e que provocou o exílio do general Spínola para Espanha -,

A 3 DE MARÇO DE 1975 "A CAPITAL" CHAMAVA A ATENÇÃO PARA UM ARTIGO DA REVISTA ALEMÃ "EXTRA", DANDO CONTA DE PLANOS PARA UM POSSÍVEL GOLPE EM PORTUGAL

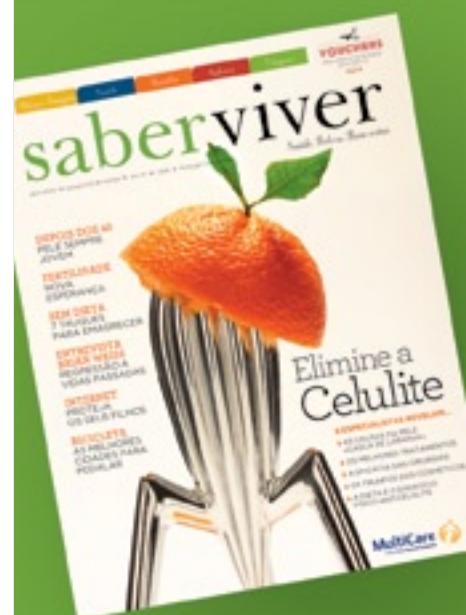
a viúva de Allende, Hortênsia, visitara Portugal. Participara em comícios do PS, onde alertou precisamente para os perigos dos golpes da CIA e acrescentou: "Portugal tem de aprender com o Chile".

A 3 de Março de 1975, nove dias antes do "Pinochetazo" em Lisboa, a primeira página do vespertino "A Capital" chamava a atenção para um artigo da revista alemã "Extra", que dava conta da existência de planos para um golpe em Portugal "ao estilo do Chile", face ainda a "um pesado apoio financeiro" da então República Federal da Alemanha e Estados Unidos destinados "sobretudo à ala de direita do partido de Mário Soares (PS)". Ainda de acordo com o artigo de "A Capital", a pessoa encarregue de receber os fundos monetários estrangeiros seria o então secretário de Estado das Finanças, Vítor Constâncio, actual governador do Banco de Portugal. O objectivo daqueles apoios visavam impedir a repetição do que acontecera cinco anos antes no Chile: que o PS algum dia viesse a coligar-se com o PCP para formar governo em Portugal. E, 30 anos volvidos e após muitas coligações entre partidos, tal, de facto, nunca aconteceu em Portugal - sendo ainda um dogma da actual democracia, bastando para tal recordar que o ex-secretário-geral do PS, Ferro Rodrigues, quando prestou declarações no DIAP, em 2003, aquando interrogatório no âmbito do processo da Casa Pia, afirmou que se sentia atacado por ter defendido uma aproximação do PS à Esquerda.

O dinheiro da CIA para que o PS nunca se coligasse com o PCP teria vindo da Alemanha através da organização política alemã Friedrich-Ebert-Stiftung. Bandeira Moniz reconhece que, como parte daquele acordo, nunca em Portugal o Partido Socialista poderia unir-se ao Partido Comunista: «a CIA não só gastou muito dinheiro em Portugal. Também o fez na Itália», acrescentou o luso-brasileiro.

Já no seu livro "O Governo João Goulart - As Lutas Sociais no Brasil (1961-1964)", Moniz Bandeira mencionava o nome do então cônsul-geral norte-americano no Brasil, Herbert Okun, como o homem que oferecera a disponibilidade de soldados norte-americanos em 24 horas para caso fosse necessário garantir o sucesso do golpe no país irmão em 1964. Dez anos depois esse mesmo Okun seria o número dois de Frank Carlucci em Lisboa. Okun, por sua vez, era ainda compadre do chefe da CIA, o general Vernon Walters. E Frank Carlucci, assim que terminou o seu trabalho em Portugal regressou a Washington para ser... número dois da CIA. A fórmula para o caos do Chile tivera assim outros ingredientes especialmente adaptados para as nossas lusas paisagens. ¶

ESTE
MÊS,
não
perca
na...



especial
PELE